

## **UMA EDUCAÇÃO AMPLA E EMANCIPADORA COMO PREMISA PARA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Nádia Marota Minó\*  
nadiamino@gmail.com

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

István Mészáros nasceu em 1930, na Hungria. Graduou-se em Filosofia na Universidade de Budapeste, onde foi assistente de Georg Lukács no Instituto de Estética. Deixou o Leste Europeu após o levante de outubro de 1956 e exilou-se na Itália, onde trabalhou na Universidade de Turim. Posteriormente, ministrou aulas nas universidades de Londres (Inglaterra), St. Andrews (Escócia) e Sussex (Inglaterra), além de na Universidade Autônoma do México e na Universidade de York (Canadá). Ao retornar à Universidade de Sussex, em 1991, recebeu o título de Professor Emérito de Filosofia. É reconhecido como um dos principais intelectuais marxistas contemporâneos. Autor de obras como *Para além do capital* (2002), *A educação para além do capital* (2005) e *O desafio e o fardo do tempo histórico* (2007).

Na obra *A educação para além do capital*, o referido autor desenvolve seu texto apoiando-se em três principais citações: a primeira, de Paracelso, a segunda, de José Martí, e uma citação de Karl Marx. É a partir das ideias dos trechos escolhidos de cada um desses autores que Mészáros corrobora seu pensamento em defesa de uma educação que não se restringe ao espaço escolar ou a uma fase da vida, mas que permeia todos os ambientes e acontece por toda a vida, que deve estar a serviço não da reprodução do sistema capitalista, mas de uma educação que deve fornecer ferramentas para uma radical mudança em toda a estrutura do sistema, se consolidando, então, como uma educação para além do capital.

Mészáros divide seu texto em quatro subtítulos, nos quais vai apontando de que forma se constitui o nosso sistema educacional, que reproduz a lógica capitalista, e depois aponta qual seria o caminho para a construção de uma educação para além do capital.

O autor inicia seu livro com o subtítulo “A incorrigível lógica do capital e seu impacto sobre a educação” (p. 25), abordando a forma como os processos educacionais estão ligados à

---

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Economia Doméstica da UFV; Voluntária do Projeto de Extensão “Esta Ruga Tem História” (Parceria firmada entre Prefeitura municipal de Viçosa/MG e UFV), no Programa Municipal da Terceira Idade- PMTI.

lógica do capital e a reproduzem. A educação está, pois, a serviço do modelo econômico e político vigente, reproduzindo seus valores e ideais de modo a conservar a ordem atual. Se a educação é reflexo da sociedade e da sua forma de organização, o caminho para mudar o sistema, segundo o autor, não são as reformas educacionais, pois elas apenas vão remediar alguns males do capitalismo, o que precisamos, na verdade, é transformar a sociedade, romper com a lógica do capital e, assim, em uma nova sociedade, veremos surgir uma forma de educação diferente. Dessa forma, o autor aponta que o caminho não é denunciarmos e buscarmos solução para os problemas que emergem do capitalismo, como temos feito, pois esse movimento tende a fortalecer o sistema, uma vez que ele se reajusta para as soluções. A solução é, então, segundo Mészáros, romper com o controle exercido pelo capital, subvertendo a ordem do pensamento e assim do sistema.

No segundo subtítulo “As soluções não podem ser apenas formais: elas devem ser essenciais” (p. 35), o autor traz vários autores para dialogar e afirma o papel da instituição escolar e da educação a favor do capitalismo, transmitindo conhecimentos e valores que mantêm e legitimam o modelo no qual a sociedade está organizada, política e economicamente, além de disseminar um discurso de que a transformação é impossível. O autor, então, vai instigar os leitores a buscarem uma nova alternativa para a transformação, que seria combater o processo de internalização pelo qual todas as ideias veiculadas nos meios pelo capital são absorvidas por cada indivíduo e assim passamos, de uma maneira inconsciente, a legitimar e reproduzir o capitalismo.

No terceiro subtítulo “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice” (p. 47), é abordado o papel fundamental da educação em nossas vidas, uma vez que a educação é compreendida como todo processo em que ocorre aprendizagem e, por isso, se estende por toda a vida e além da educação escolar.

Nesse aspecto, o autor, que dialoga com Paracelso, vai questionar o papel da educação e ressaltar que o seu papel principal é a internalização de valores, hábitos, conhecimentos diversos e que esses nos levam a pensar e agir para a manutenção e continuidade desse modelo de sociedade. O autor afirma também que o que precisamos é nos conscientizarmos desse complexo e contínuo processo educativo, a fim de escolhermos o que queremos internalizar ou não, de modo a nos tornarmos sujeitos e não “objetos moldados” para o respeito às normas e padrões dessa sociedade.

Mészáros termina essa parte enunciando a necessidade de criarmos um movimento de contra-internalização, que não apenas negue o sistema atual, mas que proponha a construção de uma alternativa concreta e sustentável, diferente da que possuímos. Resultando em um

sistema educacional duradouro à disposição do povo, que adote práticas educativas que envolvam política-cultura e que se mova em diálogo com outros campos educacionais, culminando em um processo educativo emancipador, que, obtendo sucesso, contribua significativamente para o rompimento com a lógica do capital.

No quarto e último subtítulo “A educação como transcendência positiva da auto-alienação do trabalho” (p. 59), o autor afirma que os tempos modernos são de crise da estrutura do capital, portanto, constituem época fértil para a transição dessa ordem social para outra. “Portanto, a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora” (p. 76). Considerando que a crise estrutural do sistema do capital já está ocorrendo e que se anuncia uma época de transição para outra sociedade, Mészáros chama a atenção para a necessidade de que sejam elaborados planos estratégicos para uma educação que vá além do capital, pois essa sociedade qualitativamente diferente e a educação livre dos propósitos do capital caminham juntas: uma não é possível sem a outra. Segundo o autor, a educação no sentido amplo é considerada imprescindível ao propósito de superação da sociedade, ainda que a universalização do trabalho e da educação somente possa ocorrer em outra sociedade.

Essa discussão do autor, de um lado, desagrade aqueles que apostam na educação formal como instrumento importante para a superação da sociedade por meio do esclarecimento e, além disso, uma leitura apressada corre o risco de enquadrá-lo como defensor da inutilidade da escola no projeto de superação da sociedade vigente, por outro lado, estimula a reflexão sobre a atualidade dos ensinamentos de Gramsci referentes à escola unitária, que engloba todos os espaços formativos, inclusive a escola formal, e à tarefa da transformação social, tendo em vista a superação das relações sociais em que prevalecem os interesses do capital.

Todo educador deveria ler esse livro e assim adquirir um olhar mais crítico para a educação, perceber as relações que ela estabelece com o capital e repensar suas possibilidades de atuação enquanto profissional dessa área, na incessante busca por uma sociedade mais igualitária.

Pensando nas colocações feitas pelo autor a respeito do capital, observamos que o pensamento capitalista esta imbuído em outras esferas da sociedade, como podemos destacar as ideias socialmente construídas associadas a estigmas ligados à velhice e à maneira como o Estado regulamenta a educação por meio das Políticas Públicas e da legislação.

O envelhecimento populacional no Brasil e no mundo é fenômeno crescente, caracterizado pelo constante aumento da expectativa de vida e da queda da taxa de

fecundidade, fator que reduz a população de crianças e jovens e aumenta, consideravelmente, a quantidade de idosos. Tais mudanças aumentam as discussões sobre esse fenômeno. Nesse contexto, estudiosos indicam o surgimento de um novo perfil do idoso, mais dinâmico, com mais saúde e qualidade de vida, porém apontam para a necessidade de investimentos em estudos e políticas públicas que favoreçam essa fase longa e importante da vida.

Vivemos em uma sociedade capitalista que privilegia a força do trabalho e a juventude, estigmatizando as pessoas que não fazem parte do mercado economicamente ativo. Existe um discurso social que produz e reproduz que ser velho é ser improdutivo e, para muitos, significa ficar em casa sentado em uma cadeira de balanço, lendo um jornal, no caso dos homens, e fazendo tricô, no caso das mulheres, sem vida social, sem lazer, muito menos produzindo e atendendo às normas do capital. Portanto, fazem parte de um campo infecundo e não rentável, por não consumirem como antes.

Com a aposentadoria e com a saída do mercado de trabalho, muitos idosos ficam enclausurados em seus lares, sem vida social. Porém, alguns descobriram que, nessa fase da vida, com os filhos já criados, adquirem mais independência e podem viver mais livremente, voltando ao mercado de trabalho, buscando trabalhos voluntários, se exercitando, frequentando núcleos de convivência dedicados para eles e, com isso, melhorando a qualidade de vida, a autonomia e a sociabilidade.

No campo da educação e principalmente das políticas educacionais, o que percebemos é a política em favor do capital, uma rede que burocratizou o sistema de ensino, que racionalizou os gastos públicos e que legisla em favor da privatização dos diversos seguimentos escolares, principalmente o de Educação Superior.

O Estado, inclusive no texto da Constituição, divide a responsabilidade da educação escolar com a família e, assim, cada vez mais sucateia suas escolas, enquanto o setor privado, oferecendo um serviço melhor, cresce e enriquece.

Outro aspecto para o qual o autor chama a atenção no texto é a necessidade de uma transformação estrutural e radical em toda a sociedade, afirmando que as pequenas mudanças na verdade fortalecem o sistema. Dentro da educação temos um exemplo concreto. O ensino nas Escolas Públicas é insuficiente para que os alunos sejam aprovados nos exames seletivos para o Ensino Superior, então são criadas as cotas sociais, pelas quais um percentual de vagas das IFES deve ser destinado ao público advindo de escolas públicas. Essa medida paliativa não resolve, porém, a questão da qualidade da educação pública, mas suaviza os impactos excludentes do sistema, ao mesmo tempo em que reproduz o capitalismo e acalma o descontentamento com o sistema momentaneamente, adiando o colapso do modelo

econômico vigente.

O Estado, que deveria ser mantenedor e promotor da educação escolar em todos os níveis, vem fazendo movimentos contrários, diminuindo os recursos financeiros, aumentando sua atuação na regulação e fiscalização e criando, dessa forma, um ambiente propício para o crescimento indiscriminado das Instituições Privadas de Ensino, fortalecendo a competição, o lucro, enfim, o capitalismo.